

edna pires e jones silva



"De onde vim, onde estou,  
para onde vou?"

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-921869-2-0



9 788592 186920

*Edna Pires & Jones Silva*

**Edna Pires & Jones Silva**

**De onde vim? Onde estou?**

**Para onde vou?**

**- 1ª Edição -**

**capa: Salun Marvin Pires Bento Soares**

**Contagem / 2017 Edna Pires Bento**

**All rights reserved. Prefixo editorial : 921869**

**ISBN- 978-85-921869-2-0**

*De onde Vim? Onde Estou? Para onde vou?*

Copyright © 2017 Edna Pires Bento

Capa: Salun Marvin Pires Bento Soares

Edição Primeira Edição / Janeiro / 2017

---

Pires, Edna & Silva Jones

De Onde Vim? Onde estou? Para onde Vou? / Edna Pires e  
Jones Silva

ISBN:

1. Auto-descoberta. Psicanálise, Inteligência Emocional,  
Família e sociedade produtiva e saudável.

Publicado com autorização. Nenhuma parte desta publicação  
pode ser reproduzida sem a devida autorização da editora.

Conhecer-se e redescobrir-se despertará e abrirá sua consciência para o grande poder oculto em seu interior! **Construa suas novas finanças, suas novas relações, sua nova vida social e sua nova realidade.**

## P R E F Á C I O

A leitura, que se torna agradável e intensa do livro **“De onde Vim? Onde Estou? Para Onde Vou?”**, dos autores **Edna Pires & Jones Silva**, renomados terapeutas e cientistas da alma, nos leva a agudas e sensíveis reflexões, que navegam do espírito à realidade, inquietando-nos, ativando ou resgatando o nosso interesse de conhecermos a nós mesmos. Somos, no bailar da nossa caminhada, pedaços de um tempo comum?!

A obra, na sua grandeza de mérito, conduz, sim, a indagações que nos levam à identidade do que realmente somos.

Para isso, surge a imperiosa necessidade de saber de onde viemos. Ao ler por algumas vezes o livro, questionei muito, sabe a quem? A mim mesmo: onde nasci... como estava o dia da minha chegada... quais pessoas circundavam o meu chegar... quem me tocou pela primeira

vez... como era essa pessoa... por que estava lá para me dizer: seja bem-vindo, fruto de Deus... eu chorei ao adentrar no solo dos viventes... como foi?!

E a minha mãe, o meu pai... quem ganhou a cena: o sorriso ou a lágrima?!

De repente, sinto onde estou. E vejo, na ótica do mistério, que devo ser muito, ou tudo, fruto do que fui, de onde vim...

Então, é bom eu me convencer que posso determinar para onde vou. Para onde vou, mais...

E esse maravilhoso livro é a chave, não que abre as minhas portas, mas que me indica em quais fechaduras (ou aberturas), devo usá-la.

Obrigado, Edna Pires & Jones Silva, por essa obra de mansa e agitada leitura, por esse compêndio que festeja a minha sensibilidade de me procurar e de me conduzir.

É um livro que deve ser lido mais vezes e que, ao deixá-lo a cada vez, tem que se dizer: espere-me, voltarei logo...

\*<sup>1</sup> Rubens Bittencourt

1 Advogado especialista em Direito Administrativo. Cronista, contista e poeta. Presidiu por dois mandatos a Academia Curvelana de Letras e pertence ao “Grupo dos Poetas Gouveanos” e à Sociedade dos Poetas Vivos de Minas Gerais. Condecorado pelo Museu Histórico do Exército Brasileiro e Forte de Copacabana, Rio de Janeiro, com o Título/Distintivo de **“Artilheiro da Cultura”** e posse no Projeto, participando com textos literários na coletânea lançada pelo Centro Literário do Forte. Eleito membro efetivo- Cadeira 85- da Academia Internacional de Artes, Letras e Ciências ALPAS 21, com sede no Rio Grande do Sul, possuindo textos nas coletâneas internacionais lançadas por esse Sodalício.

## SUMÁRIO

Introdução	09
Parte I - Quem somos?	11
Parte II - De onde vim?	14
Parte III - Onde estou?	40
Parte IV - Para onde vou?	79

## **Introdução**

Essas três perguntas remontam ao período do grande apogeu do conhecimento grego. São perguntas atemporais, mas que todos nós precisamos responder se quisermos crescer e entender o sentido da vida.

Hoje, colocamos diante de você, nosso querido leitor, essas questões que nos fazem refletir e compreender como é maravilhoso estar vivo. Saber a sua própria definição te fará reconhecer o seu próprio caminho, te dará condições para refazer e reconstruir trajetórias que lhe trarão recompensas inimagináveis. O maior investimento que alguém pode fazer em sua existência é no autoconhecimento. Com isso, poderá encontrar os maiores tesouros dessa Terra. Queremos facilitar para você, capacitar você, auxiliá-lo na compreensão amorosa de si

mesmo. Porque aquele que se conhece será capaz de se amar. Quem se ama é capaz de amar o outro que antes parecia tão estranho.

Nas páginas deste livro, tentaremos fazer você compreender como todo ser humano é tão igual e, ao mesmo tempo, tão distinto um do outro. Só assim, encontrarás as riquezas das relações afetivas, das relações econômicas, intra e interpessoais. Encontre aqui suas respostas!

Edna Pires & Jones Silva

## **Parte I - Quem somos?**

Seres humanos. Não é benéfico a ninguém se achar melhor que o outro. Isso nos afasta e rompe grandes possibilidades de realizações. Para perceber o quanto somos iguais comecemos com as nossas maiores fragilidades, no aspecto biológico.

Pense que uma bactéria pode atingir o organismo de qualquer indivíduo. Pense que em um acidente de trânsito uma grande carreta pode se desgovernar, passar por cima de qualquer um causando efeitos devastadores.

Da mesma maneira, apesar das propensões genéticas, um câncer pode se desenvolver em qualquer corpo humano e levá-lo a deteriorar-se rapidamente.

Em outras palavras, na verdade, todos estamos

sujeitos a qualquer tipo de ataque contra nosso maior bem: o corpo. Então, entende-se que não há espaço para nos acharmos melhores que os outros. Nem piores. Apenas únicos.

Por natureza, somos sensíveis. Independentemente da cultura na qual fomos criados, as emoções se transformam em sentimentos e nos tornam, invariavelmente, em seres sensíveis. Magoadores e magoados. Amamos intensamente, temos medos, anseios e perguntas. Todos somos capazes de grandes feitos e grandes sacrifícios.

Conseguimos superar muitas coisas, outras nem tanto. Mesmo assim nunca paramos. A maioria das pessoas é empurrada pelas circunstâncias da vida a continuar. Poucos são aqueles que tomam decisões para seguir alguma direção.

Assim, cada um de nós, traçou um caminho de vida. Ele acabou chegando até aqui onde teremos a oportunidade de decifrar, um pouco mais, quem somos, de onde viemos, onde

estamos e para onde vamos. São perguntas básicas para a busca do nosso verdadeiro eu.

Prossiga na leitura, prossiga em conhecer a vida, a ti mesmo que, com certeza, muitas perguntas encontrarão respostas. Novos caminhos se abrirão diante de ti, mostrando que é possível ter uma vida abundantemente maravilhosa!

## **Parte II - De onde vim?**

A grande maioria das pessoas que encontramos nas nossas relações e boa parte dos pacientes que atendemos não conhecem sua história e origem.

Raramente, alguém procura saber o que lhe ocorreu na infância, como era realmente a casa onde morava. Quais foram as cidades em que passou os primeiros doze anos de vida, como eram as relações no lar.

A mente infantil tem grande dificuldade de captar a realidade e a maioria das pessoas cresce com essa fragilidade. Desenvolve a incapacidade de ver, aceitar e reagir diante da realidade.

Dessa forma, não somente na infância, mas durante todo o processo de crescimento físico, a mente permanece no nível de inconsciência e

infantilidade.

A educação afetiva e cognitiva deve ter como proposta principal levar os educandos a captarem a realidade o mais claramente possível ensinando a melhor forma de reagir, extraíndo as melhores coisas para uma vivência perfeita.

Porém, mesmo quando a mente está apta para perceber a realidade, as pessoas não têm a curiosidade para procurar saber o que lhes ocorreu na infância ou qual é a sua verdadeira história.

Geralmente, quando perguntamos sobre isso elas dizem mais ou menos assim:

- “Parece que minha mãe me disse que a gente já morou em tal lugar”.

Por isso, sentimos a necessidade de escrever esse livro porque a busca verdadeira pelos fatos é algo muito raro, mas extremamente necessário para quem deseja o bem-estar e as

riquezas.

Encontramos, geralmente, dois tipos de pessoas: as que dizem que a infância foi maravilhosa e que foram muito felizes; e aquelas que dizem que a infância foi marcada por muita frustração, mágoas, privações, sofrimentos e que, por isso, não gostam nem de lembrar desse período.

Afirmamos com toda certeza que esses dois modelos de pessoas estão errados. Falamos isso porque, na medida em que conversamos com vários pacientes em sessões psicoterapêuticas, a versão da história de suas vidas passa a ter significado bem diferente daquela contada anteriormente.

Percebemos que a grande maioria dos seres humanos, com raríssimas exceções, não se sente atraída pela sua busca interior. Quase ninguém quer trilhar o caminho de volta, penetrar nas lembranças, olhar dentro de si mesmo, entrar em sua mata escura e desbravá-

la.

Sempre gostamos de dizer para as pessoas que o inconsciente é uma mata escura. Dentro dela, ficam guardadas as lembranças boas ou ruins.

Lá ficam abrigadas emoções e sensações que não elaboramos corretamente. Existem os nossos “eus” da infância que ignoramos e que precisamos perseguir, encontrar e conhecer. É nesse enfrentamento das lembranças e afetividades ocultas que reelaboramos nossas atitudes frente à realidade atual.

Pra isso, é necessário se abrir para alguém. Perguntar para os mais próximos sobre a criança que você foi. Na medida que conversa-se sobre sua história, ela vai revelando novos matizes e contornos fazendo surgir sentimentos em relação as suas vivências.

Em outras palavras, você vai contando sua história e vai percebendo detalhes que não via antes. Aspectos importantes que não conseguia

compreender. Isso é transformador para o seu presente!

De onde vim? Uma pergunta aparentemente tão fácil de ser respondida, mas cuja resposta fica sempre oculta dentro de cada indivíduo esperando o dia do encontro.

“Não lembro como era lá em casa”, “Minha mãe era maravilhosa”, “minha mãe era muito nervosa”, “meu pai estava sempre ausente”, “meus irmãos não gostavam de mim”. As primeiras respostas são sempre superficiais, mas é por meio delas que conseguiremos aprofundar mais ainda.

Somente dentro de um processo de análise é que essas respostas vão tomando novas conotações e adquirindo as devidas proporções para completar seu “eu” atual tornando-te uma pessoa integrada.

É preciso começar de algum ponto, seja ele superficial ou não. Onde nasci? Como era minha

casa? Como nós nos relacionávamos dentro das quatro paredes? O que realmente acontecia diariamente? Quais fatos marcaram nossa vida na convivência familiar? Qual era a estrutura financeira da família? Como era o clima emocional entre os familiares? Quais tipo de música ouvíamos em casa?

São perguntas cruciais para se ter uma idéia da pessoa que somos hoje. É preciso ficar claro para nós mesmos em que útero social fomos gerados.

Em minha casa, existiam situações silenciosas? Assuntos que ninguém podia conversar? Segredos? Silêncios ou gritos conflituosos, brigas contínuas e desavenças?

Quem é minha mãe? Quem é o meu pai? Algum dia paramos para conversar e perguntar sobre eles para verdadeiramente conhecê-los?

Minha mãe já me contou como foi a infância dela, sua adolescência, o que sentia em

momentos difíceis ou em momentos de muita felicidade? Por acaso ela já me contou como foi sua juventude e seus primeiros relacionamentos amorosos?

Pois é, a sensação que a maioria dos filhos tem em relação às suas mães é que elas nascem prontas, nascem mães. Sempre foram mães.

Não passa pela nossa cabeça que um dia nossa mãe foi uma criança travessa, ou triste, ou encantadora. Não paramos para pensar que ela pode ter sido uma adolescente que jogava charme para conquistar os garotos de sua época.

E como foi o namoro dela com o nosso pai? Como eles se conheceram, o que aconteceu de bom e de desagradável na relação entre eles? Como ela reagiu diante de tudo isso? Não temos a menor ideia do que aconteceu e, por isso, não podemos dizer que realmente conhecemos nossos pais.

Ainda que toda a história tenha sido contada, falta saber o lado das emoções, dos sonhos desistidos, das frustrações cotidianas, dos sentimentos ocultos. Porque a realidade é a síntese dos fatos com a nossa maneira de sentir e reagir frente a eles.

Para realmente afirmarmos que conhecemos alguém, temos que, primeiramente, conhecer os fatos que a envolveram e depois saber quais foram as emoções e reações diante dos episódios. Depois disso, precisamos ficar cientes sobre os sonhos realizados e os desfeitos durante seu processo de vivência. Só assim podemos dizer: eu conheço aquele ser humano!

Mães são lindas! Mas também são mulheres, têm uma história, falhas, limites, acertos, frustrações e sonhos realizados.

E então? Será que você já conversou, ao menos um dia, com sua mãe para escutar tudo o que ela tinha a dizer?

E seu pai? Quem é o seu pai? Um velho “turrão” que nunca lhe deu um abraço? Por que será que ele nunca te deu um abraço? Será que ele ganhou abraços de seu avô? Assim, avançamos no desbravamento de nossa história. Porque essas duas pessoas que de uma maneira ou de outra influenciaram e moldaram quem somos, têm também suas razões. Quando as conhecemos, nossa maneira de ver os fatos e nossas reações sentimentais sobre eles mudam completamente.

Se mudarmos a maneira de ver nossa história, mudamos nosso eu! Se mudamos os sentimentos que traduziam nossa trajetória, mudaremos completamente nossa personalidade e, assim, pode alterar a maneira como agimos no mundo. E, finalmente, se mudamos nossas ações no mundo, os resultados na nossa existência serão diferentes. Este é o verdadeiro processo de transformação e enriquecimento de vida.

Ainda falando de família, será que seus irmãos só eram “gente boa”? Será que seus irmãos só foram ruins com você? Essa maneira de ver a vida e as pessoas como boas ou más é bastante infantil e precisa ser abandonada definitivamente.

Precisamos ver com clareza que tudo e todas as pessoas têm um lado positivo e negativo. Urge buscar nossas verdades e dosar as características qualitativas. Qual o problema em enxergarmos as fragilidades, mas também as qualidades de quem está ao nosso redor? Por que temos tanta dificuldade em enxergar em “nossa maravilhosa mãe” o quanto ela foi uma terrível esposa?

Por que não podemos ver que ela, apesar de demonstrar muito mais afeição por aquele irmão ou irmã, continuava cuidando de nós com muito carinho também?

De onde vim?

Uns vieram de bairros suburbanos.

Outros das favelas.

Uma cidadezinha do interior.

Tantos da capital.

Alguns de outros estados, talvez outros países.

De casas lindas de histórias tristes.

De casas simples e pobres com histórias tristes também.

Alguns vieram de casas ricas e conviveram com a abundancia, outros vieram de casebres com famílias enormes onde a pobreza nunca foi capaz de roubar gargalhadas.

Encontramos pelo caminho crianças que foram percebendo o desamor daqueles que as cercavam. Crianças confusas com sua sexualidade e que nunca encontraram dentro de casa alguém para conversar e ajudar.

Pelo contrário, muitas vezes essas crianças encontraram uma família preconceituosa, que

as rechaçaram, rotularam com nomes pejorativos, destruindo o amor próprio. Foram chamadas de “bichas”, “sapatas”, “tarados” e, assim, eram excluídas de seu ambiente.

Crianças violentadas sexualmente por pais, tios, irmãos, vizinhos e que guardaram esse segredo amargamente em suas mentes acabaram adoecendo em silêncio. Alguns ainda guardam este segredo canceroso até a vida adulta.

Crianças criadas dentro de um ambiente profundamente religioso e hipócrita, onde não houve a liberdade para conhecer seu próprio Deus. Impuseram sobre elas ideias e crenças que limitaram para sempre sua forma de ver a vida, o mundo, o universo.

Crianças que cresceram com crenças de seus pais. Que nunca questionaram se eram verdadeiras ou apenas criadas por mentes limitadas. Crianças que nunca tiveram a coragem de perguntar para onde aquelas teorias as estavam levando.

Nosso mundo funciona na base da crença. Se você acredita em algo suas ações serão dirigidas por isso. São as crenças que movem as pessoas em determinadas direções. Crenças amplas: ações amplas e resultados abundantes. Crenças tacanhas: ações pequenas e resultados medíocres.

Que tipo de vida essas crenças me proporcionam? Essa é a hora de você parar um pouco a leitura deste livro e verificar o que suas crenças impulsionam ou impediram. Reveja e refaça todas elas agora!

Uma situação corriqueira é a de crianças que assistem pais bêbados agredirem suas mães e, enquanto presenciavam aquelas cenas, se sentem impotentes. Nesses instantes tão carregados de amor e ódio, a raiva tanto do pai por causa da agressão quanto da mãe por se deixar agredir, ocasionam um impasse mental que a criança não consegue elaborar positivamente. Por isso, a própria mente se

encarrega de aprisionar tais sentimentos no mais profundo do inconsciente. Eles ficam lá até que você esteja pronto para dar novos significados e entender completamente o que estava acontecendo.

Por outro lado, temos crianças que foram criadas no meio da rua, brincando de Rouba-bandeira, Queimada e outras tantas atividades lúdicas com os amiguinhos. Experimentando as relações de forma natural e gostosa.

Outras, para não terem que ficar dentro de casa onde o clima de discórdia, desamor e silêncio eram grandes, saíam para a rua, onde encontravam más companhias, sofriam abusos e aprendiam diversas atitudes que deturpam a qualidade de vida.

De onde vim? De casa estruturada onde cada membro da família tinha seu próprio quarto, banheiros belíssimos, jardins e piscina?

De um pequeno barracão com um ou dois

cômodos, num cortiço onde os moradores dormiam amontoados, assistindo as relações sexuais de seus pais?

De um casébre onde o banheiro era uma fossa fétida, com apenas um buraco no chão, que trazia insegurança para aqueles que a usavam, com medo de cair no meio dos excrementos?

De prazerosas roças onde se pegava mangas nos pés, subindo em troncos molhados das chuvas de dezembro, correndo por entre os canteiros, balançando nos cipós. De onde você veio?

Quando você consegue responder, descobre, com certeza, um dos grandes responsáveis pelo que te acontece hoje. Percebe o que construiu sua situação financeira atual, por exemplo.

Quando você vê com clareza de onde veio, descobre a razão dos sentimentos que predominam seu dia a dia. Descobre qual a origem de sua intelectualidade, de sua saúde,

tudo que se refere a você.

É importante observar também que não foram apenas os fatos que aconteceram com você que te formaram. A maneira como enxergou sua casa, as relações familiares e os fatos é importante; no que você passou a acreditar nesse ambiente e nestas circunstâncias são fatores essenciais.

Queremos despertar em você um desejo enorme de conhecer a sua própria história.

O que permeou toda a sua infância e todas as suas reações frente ao espaço e pessoas com as quais vivenciou diversas experiências te dará uma noção e trará a explicação do que se passa no presente. Porque, na maioria das vezes, no presente você age como se estivesse no passado.

Muita gente quando escuta essa afirmação encara-a como ilógica e passa a ignorá-la. Não faça isso. Pense um pouquinho mais. Observe-

se com mais atenção e verá de onde realmente vêm suas atitudes e sentimentos. Porque diversas vezes, no seu dia a dia, você age sem pensar e não demonstra a idade que tem. Suas atitudes, muitas vezes, são mais infantis que você gostaria. É preciso ser humilde para reconhecer e admitir isso.

Você é o resultado do que ouviu, daquilo que vivenciou, das situações em que se envolveu. Agora te faremos algumas perguntas cruciais:

- Quer continuar sendo a pessoa que você é? Tendo os resultados que você tem hoje? Ou você quer ser mais ousado, menos tímido, mais magro, mais saudável, menos ciumento, mais amável, menos agressivo, menos orgulhoso, mais feliz, menos depressivo?

Quer ter mais dinheiro? Completar as coisas que você começa? Quer voltar a estudar? Quer ter mais confiança no futuro? Quer ser disciplinado para fazer exercícios físicos? Viajar mais? Pensar menos em sexo? Ter mais prazer e

liberdade nas suas relações sexuais? Ser um profissional melhor?

De onde vim?

Quais são os meus valores?

O que me disseram que eu era e o que sou?

Quais as ideias que eu tenho hoje que eu trouxe comigo da infância? Quais são meus conceitos sobre finanças, sobre casamento e sobre família? Quais os resultados desses conceitos em minha vida?

O que penso sobre dinheiro? O que falaram sobre a velhice? Que um velho para ter segurança precisa se aposentar?

Será que hoje minha vida financeira está ruim porque estou baseado no que aprendi no passado e não consigo me abrir para ampliar e adquirir novos valores?

Será que eu não apenas acreditei, sem questionar, nas crenças dos meus pais, dos meus professores e líderes que passaram pela

minha vida?

Certo dia, ouvimos que rico é orgulhoso. Concluímos que para nos manter humildes não poderíamos ser ricos. Jamais! Então, inconscientemente, trabalhamos para nos manter numa situação econômica inferior, evitando a riqueza e o sucesso. Mas será que isso é verdade?

Para tentar chegar à resposta, buscamos encontrar pessoas ricas e pobres. Não podemos generalizar, é claro. Cada indivíduo é único e não tem semelhança total com outro. Mas, infelizmente, observamos que a maioria das pessoas com fragilidades financeiras é muito orgulhosa. Por viverem em carências contínuas, não querem se sentir inferiorizados e, por isso, estão sempre na defensiva.

Não se pode generalizar, mas um episódio acontecido conosco vem à memória por causa desse tema. Quando construímos nosso pequeno prédio de dois andares, convivemos

com prestadores de serviço civil. Também trabalhamos com uma organização humanista em favelas e lugares desprovidos de recursos, por meio da qual conhecemos vários tipos de trabalhadores.

Com raríssimas exceções, nunca podíamos chamar a atenção ou mostrar alguma fragilidade no trabalho de nenhum deles. Se ofendiam e não queriam mais voltar ao trabalho.

A atitude por parte dos profissionais era sempre de defesa e esquivia. Era comum encontrarem um colega para colocar a culpa. Tinham uma enorme dificuldade dizer: “desculpe, eu errei aqui!”.

O que é isso, senão orgulho?

Também fizemos algumas entrevistas com pessoas ricas e empreendedoras. Durante o tempo de convivência, percebemos o quanto admitiam debilidades e falavam de maneira

muito natural de seus talentos e capacidades .

O que é isso, senão humildade?

Concluimos, depois de alguns anos, que o ser humano não é humilde porque é pobre, nem orgulhoso porque é rico. Não se pode medir a qualidade do caráter de uma pessoa pelas suas posses ou riquezas materiais.

Foi fácil observar que as qualidades de caráter são forjadas no entendimento de si mesmo. Na aceitação do mundo e da vida como ela se apresenta. O caráter é formado pelas reações e entendimentos do significado de suas experiências.

Nem mesmo fatos, relacionamentos e vivências podem determinar se alguém é humilde ou orgulhoso. O que o faz assim são as tomadas de decisão. Elas dependem do quanto e de como enxergamos nossas próprias vidas e nossa história, assim como nosso ponto de vista para as daqueles que estão ao redor.

Conhecemos pessoas que quanto mais sofriam e eram frustradas pela vida, mais orgulhosas, teimosas e iradas ficavam.

Também vimos pessoas que uma pequena frustração bastava para que elas reconhecessem suas fragilidades e se humilhassem.

Na verdade, ninguém é humilde ao nascer. É preciso ser humilhado e reconhecer-se pequeno, viver, ter experiências para adquirir tal qualidade moral. Mesmo diante da morte iminente, já vimos pessoas que não abaixam a cabeça para reconhecer seu verdadeiro tamanho.

É importante ressaltar e queremos deixar isso claro: ser humilde não é ser tímido ou calado. Pelo contrário, a verdadeira humildade fala aos quatro cantos sobre suas deficiências. É falar sobre as falhas, mas não se sentir culpado ou envergonhado. E sim desafiado em superá-las.

Ser humilde não é ser alguém sem talentos ou uma pessoa de fracassos incontáveis. Pelo contrário, a verdadeira humildade espalha aos quatro cantos suas potencialidades também. Tudo com parcimônia e equilíbrio.

Ao falar sobre conquistas, sucessos e capacidades extraordinárias, não se sintam superiores nem melhores que ninguém, mas sim compromissados com a humanidade, em servir e compartilhar com os outros suas vitórias, potencialidades e riquezas.

Perceba que a humildade é característica de almas enriquecidas, de espíritos amplos e mentes milionárias.

Vamos continuar nossos questionamentos?

Família. Será que esse “lugar” é o mais maravilhoso mesmo como a mídia afirma o tempo todo?

É comum vangloriarmos o seio familiar mesmo quando os filhos nunca convidam as mães para

ir a um restaurante comemorar o dia delas, por exemplo. Além disso, nesse dia, todos os filhos se reúnem para fazê-la de “escrava”, colocando-a para cozinhar um almoço enorme e caprichado. Depois, ficam ainda pilhas de vasilhas sujas e cozinha para limpar, enquanto todos se despedem e vão para as respectivas casas descansar.

E quando as festas e reuniões, na maioria das vezes, terminam em discórdia, ofensas e até agressões físicas?

Temos conversado com muitas pessoas que concluíram que família é só para trazer decepção e frustração. Alguns nos disseram que as deles só servem para trazer prejuízo financeiro e problemas.

Mas, embora essa seja a realidade de muitos, temos vários exemplos contrários ao redor do mundo de famílias que são a base de uma vida próspera.

Todos os membros precisam descobrir sua principal essência e perceber que devem permanecer unidos para o crescimento e o enriquecimento mútuos, caso contrário aquelas pessoas deixam de ser uma família.

E o que temos a dizer sobre religião, política e educação? E sobre casamento? Será que você já se questionou sobre todos esses conceitos e aspectos de vida?

Não se pode criar uma identidade segura e firme, nem ser uma pessoa bem resolvida, feliz e bem sucedida, se vivermos engolindo, sem nenhuma crítica, tudo o que nos disserem e nos impuserem.

A pergunta deste capítulo que pareceu tão simples a princípio, agora revela sua importância. Responder de onde vim revela segredos do útero social. As coisas, pessoas, valores e crenças que me fizeram ser quem eu sou hoje. Além disso, achar essa resposta também mostra como foram os primeiros anos

de vivencia, o ambiente emocional e o ambiente econômico nos quais se adquire crenças e valores. E são esses que nos fazem agir de determinada maneira.

Até mesmo os conceitos do que é ser uma pessoa boa, uma pessoa humilde, ou de sucesso podem e devem ser questionados.

De onde vim? A resposta é simples: vim de um lugar que me fez ser quem eu sou hoje, que me fez ter o que tenho hoje.

Agora, podemos dar mais um passo em direção à ampliação de alma, outro na direção da elevação espiritual, da formação de uma mente milionária e de um viver e fazer saudável e próspero.

### **Parte III - Onde estou?**

Vivemos um momento maravilhoso no que se refere às facilidades tecnológicas. Vivemos na era virtual.

Nunca as informações chegaram tão rapidamente, vindas dos lugares mais remotos. Às vezes, até brincamos: como Matusalém (o homem mais velho de todos os tempos, segundo relatos bíblicos) conseguiu viver tantos anos sem internet?

Mas, ao mesmo tempo, vivemos num mundo onde as pessoas estão encarando como natural aquilo que não é. O doutor em psicologia na Universidade de Paris, Pierre Weil, e seus colaboradores, Jean-Yves Leloup e Roberto Crema, chamam o assunto que vamos tratar aqui de *normose*.

É uma doença mental de nossos dias que

consiste em uma extrema sensação de normalidade que todos assumem resultando em um malefício para a saúde física, mental, emocional, social e econômica dos indivíduos. É difícil ser percebida porque as estranhezas perdem a importância.

Em nosso trabalho com pacientes, sempre observamos normalidades que afetam ou adoecem as pessoas. Por exemplo:

- Cachorros tratados como gente, até como filhos.
- Medicamentos em excesso no cotidiano.
- Estar doente, ou ter um mal-estar.

As pessoas não têm noção do quanto é bom um corpo desintoxicado. Ter uma alimentação natural, comer frutas, verduras, legumes, ovos, chás, sucos naturais. Hoje, temos uma infinidade de opções para adquirirmos proteínas e carboidratos mais saudáveis.

A grande maioria das pessoas não tem noção

do quanto o nosso corpo agradece por uma boa noite de sono, de um momento de exercício físico, seja uma pedalada, uma musculação ou pilates.

Algumas vezes, chegamos a padarias, às sete horas da manhã, e já podemos ver pessoas se entupindo de frituras e refrigerantes pra começar o dia.

Apesar de muitos terem acesso à informação do quanto o açúcar intoxica nosso organismo, sendo um dos grandes responsáveis pelo processo inflamatório dele, vemos centenas de milhares de indivíduos fazendo uso abusivo dele como se nada fosse acontecer.

Os descuidos emocionais, a falta de um bom aprendizado para cultivar emoções benéficas e falta de vigilância e compreensão do pensamento são fatores que acabam destruindo as vontades. E sem elas o ser humano não cuida mais de nada, muito menos do corpo.

Com isso, o desânimo e o cansaço tomam conta. O metabolismo começa a gritar socorro por meio de pequenos sintomas que, com o passar do tempo, se agravam e se tornam doenças mortais.

Mesmo quem conhece esses conceitos continua a brincar, levemente, com a saúde. Certo dia, estávamos falando sobre a importância de uma boa alimentação numa roda de bate-papo e alguém começou a brincar, dizendo:

- Eu gosto de SPA. Ele é que soluciona o problema de alimentação. E completou:
- Espaguete. E as pessoas caíram na gargalhada.

Brincam com a saúde e acham que isso é normal. E quando adoecem, consideram normal aceitar a enfermidade como se fosse uma cronologia natural da vida.

Para algumas pessoas funciona assim: nascer, crescer, ficar doente e morrer. Triste assim!

Algumas pessoas quando falam que são hipertensas, que têm rinite, que são alérgicas a isso ou aquilo, parecem ter certo orgulho dessas condições. E ainda se justificam como se a causa fosse genética:

- É hereditário, quase toda a minha família sofre com isso.

Frase geralmente acompanhada de um semblante de piedade.

A impressão que passam com essa maneira de se comportar diante de doenças é como se dissessem que a vida é injusta e não nos dá a chance de escolher um caminho que proporcione um novo resultado.

Embora tenhamos a consciência da herança genética, sabemos também que o estilo de vida pode mudar ou suprimir a inexorabilidade do poder do DNA em definir nosso ser.

Muitos se esquecem que o certo é estar saudável. Ter saúde é que é o ser normal.

A psiquiatria é uma ciência que vem auxiliando muitos a vencerem suas fragilidades mentais. Porém, nos nossos dias percebemos que medicamentos viraram brincadeira.

Consideramos a intervenção alopática como um segundo passo, não primeira opção. Quando percebemos algum desequilíbrio na vida, o primeiro passo é abrir nossa história. Contar, falar, expor nossos sentimentos mais escondidos e expressar nossas emoções. Claro, um desafio porque a sociedade e nossas relações inibem essas atitudes. Precisamos compreender a razão de sentirmos algo e reagirmos de determinada maneira e, depois dessa compreensão, reelaborar novos sentimentos, novas emoções e novas ações. Com certeza voltaremos a ter harmonia e equilíbrio corporal perfeitos.

Nas áreas da mente humana existem muitos profissionais bons que podem acompanhar esse trabalho de desvelamento do coração. Assim

como também existem muitos amigos de confiança em quem podemos depositar nossos mais profundos pensamentos e sentimentos.

Se procurarmos atentamente encontraremos esses profissionais e amigos em meio a momentos de tanta violência, desprezo, desconexão, onde a solidão se tornou uma normalidade.

Hoje, a violência, seja verbal, emocional ou física se tornou tão normal que as pessoas adoram postar cenas nas redes sociais de agressividade que acontecem nas portas das escolas, em casas noturnas ou nos finais de festas.

Além disso, grande parte das pessoas adoram comentar sobre assaltos, acidentes que vêm na televisão. Isso cria um medo generalizado e se espalha pela sociedade.

Parecem gostar de ver e falar sobre violência, naturalizando-a a ponto de ver alguém sangrar

e não sentir a sua dor, sua vergonha por ser vítima de outrem.

Isso é mais uma mentira que se acredita, porque o normal deveria ser e é a paz e a gentileza no trato entre as pessoas!

Outra anormalidade que vem se desenvolvendo em nossa sociedade ao longo de sua história é a cultura da pobreza. Ela é enaltecida como algo nobre, como se fosse bonita e fosse sinônima de felicidade.

Basta observar a quantidade de frases prontas que as pessoas apenas repetem:

- Sou pobre, mas sou feliz! Sou pobre, mas sou digno! Sou pobre, mas sou honesto!

E por aí vai.

Poucas pessoas pensam na seriedade de tais afirmações. Como pode um pai ser feliz quando vê seu filho passando fome ou pedindo um brinquedo o qual ele não pode comprar?

Além do mais, dinheiro não é para dar

felicidade. O “ser feliz” depende de diversos fatores e, principalmente, da disposição interior/psicológica para aceitar a vida e seus desafios.

Dinheiro não compra felicidade, realmente. Dinheiro é para comprar alimentos, fazer tratamentos de dente, comprar roupas, nos dar conforto e uma tranquilidade na aquisição de uma casa própria.

Não podemos relacionar a pobreza ou a riqueza com a felicidade. Mas podemos avaliar qualitativamente o quanto seremos felizes por ser ricos ou pobres.

Por exemplo, se você tem poucos recursos financeiros, mas tem uma relação boa com sua esposa ou marido. O relacionamento com seus filhos é agradável e produtivo. Você não é rico economicamente, mas é feliz.

Se você é alguém que tem muitos recursos financeiros, mas tem uma relação ruim com o

companheiro(a). O relacionamento com os filhos é baseado em intrigas e brigas constantes. Então, você tem mais bens que felicidade.

Se pegarmos o primeiro exemplo, onde a pessoa é feliz com poucos recursos financeiros, cuja vida familiar e profissional tem harmonia e aumentarmos os seus recursos financeiros, a probabilidade de ela aumentar a sensação de felicidade é muito grande.

O mesmo pode-se dizer do segundo exemplo. Quando alguém que já tem muitos recursos financeiros consegue restabelecer a harmonia em sua casa, tem uma vida profissional fecunda e relacionamento amoroso produtivo, a probabilidade de essa pessoa aumentar o seu nível de felicidade é também muito grande.

Podemos ter dinheiro e ser felizes. Uma coisa não exclui a outra.

É mentira quando alguns afirmam que todo rico

é infeliz ou ladrão. Assim como também afirmar que todo pobre é feliz. Aqueles que dizem isso possuem uma mentalidade medíocre.

Precisamos, com urgência, mudar nossa forma de pensar em relação à maneira de viver. Nascemos para uma vida de abundância, tudo deve sobrar em nossas vidas e não faltar!

A natureza nos ensina isso! Quando é época de mangas, elas caem dos pés e até apodrecem por causa da fartura.

Nós acreditamos que o mundo tem tantas riquezas que todo ser humano pode e deve ter muito dinheiro. O dinheiro é algo muito bom. Podemos utilizá-lo para fazer um bom tratamento dentário, para cuidarmos melhor da nossa saúde, para viajar, se alimentar, viver, passear e criar grandes projetos que auxiliem os outros na conquista dessa mesma vida abundante.

O problema não é a riqueza, mas sim a maneira

como as pessoas administram e se relacionam com ela. A mentalidade é o padrão mental como as pessoas veem a vida e reagem a ela. A mentalidade de alguém pode se desenvolver de medíocre à supranatural.

Enquanto alguns que são possuidores de uma mentalidade supranatural predominante estão sempre em busca de algo novo, de novos conhecimentos, de novas perspectivas, de novas soluções; outros, cuja predominância é a mentalidade medíocre, regridem e destroem sua qualidade de vida e daqueles com os quais convivem.

Queremos mostrar que o dinheiro não é para alimentar o consumismo, assim como ele também não pode ser o fator primordial na nossa felicidade, como dissemos anteriormente.

Vejamos o mundo e a sociedade em que estamos sob o olhar científico de um grande sociólogo polonês contemporâneo, Zygmunt Bauman, e outros cientistas sociais que seguem

suas principais ideias.

Bauman faz uma análise do desenvolvimento da sociedade moderna e mostra que, ao longo dos anos, ela veio se desenvolvendo e se transformando num tipo de sociedade que ele chamou de Modernidade Líquida. Em outras palavras, liquidez a que o sociólogo se refere é justamente essa inconstância e incerteza que a falta de pontos de referência socialmente estabelecidos gera. Compreender essa sociedade ajuda a entender seu funcionamento e sua influência na construção da identidade dos indivíduos que fazem parte dela.

Pode-se concluir, sem medo de errar, que a pessoa que somos não é uma escolha independente dos outros. Não independe da casa onde moramos e nem das pessoas com quem dividíamos o espaço. Isso é muito fácil de perceber no dia a dia.

Também precisamos saber onde estamos para

nos entendermos melhor. De qual bairro viemos, o comércio ao redor, as fábricas, o tipo de vegetação, as casas e espaços de lazer.

Tudo isso influencia a pessoa que somos hoje porque somos formados por um processo de ação e reação a essas experiências. Por isso, entendendo nossa sociedade atual, compreenderemos um pouco mais a razão de sermos o que somos. A partir disso, podemos conseguir ferramentas que ajudarão a superar algumas de nossas fragilidades.

Nós sempre afirmamos que conhecer a origem dos nossos problemas é um grande passo para resolvê-los. Cinquenta por cento da solução de um conflito está em conhecer a sua fonte.

As incertezas e mudanças contínuas afetam a sociedade em nível global, sistêmico, além do nível das experiências individuais.

Você pode nos perguntar se antigamente não era assim. Não, não era. As mudanças ocorriam

muito lentamente. Nossos pais e avós tiveram um mundo cujas mudanças eram lentas e pouco frequentes. A família tinha um formato: pai, mãe, filhos e os parentes dos pais. Já observou as famílias de hoje? Filhos criados com padrastos e madrastas. Avós emprestadas, filhos adotivos, dois pais, duas mães, tios por escolha e outras variadas formas de se viver em família. Uma verdadeira miscelânea que coloca o amor e a afinidade acima dos laços sanguíneos.

Por outro lado observamos que, antigamente, quando um filho se casava, deixava seus pais e sua casa para ter uma outra vida, construir sua própria história independente de seus pais. Hoje, filhos acima de quarenta anos ainda estão dentro de casa e costumam trazer netos para que os avós ajudem a criá-los, inclusive financeiramente.

No que diz respeito à religião, nossos pais e nossos avós tinham uma ou, no máximo, duas

opções religiosas.

Veja também a política brasileira. Há poucas décadas, ela era dividida em apenas dois partidos e assim por diante. Então, nossos avós tinham menos parâmetros e um centro definidor menos mutante e em menor quantidade do que temos hoje. Era mais fácil viver e fazer escolhas. O estilo de vida trazia certa segurança para que cada um pudesse se definir como pessoa.

Comparando com os dias atuais, nós que vivemos o início do século XXI não temos um centro definidor tão estável e em pouca quantidade. Temos milhares de possibilidades de ser e viver. Assim fica difícil predizer que tipo de sociedade teremos no futuro e ser capazes de controlar seu desenvolvimento. Não só em relação à própria sociedade, mas temos também grande dificuldade de definir quem somos e qual o papel que desempenharemos nela.

No geral, em se tratando da sociedade como um todo, sentimos, inconscientemente, uma exigência constante de remodelar o mundo e, conseqüentemente, nos remodelar para nos adaptarmos a ele.

Essa exigência de nos adequarmos a situações nunca antes vividas pelas sociedades humanas acontece de maneira imprevisível e bombardeada por crescentes níveis de risco. As coisas podem dar certo, mas também podem dar errado. Isso é cantado há muito tempo por Milton Nascimento. “Nada será como antes, amanhã”.

Casamentos são desfeitos, tecnologias surgem e no outro dia desaparecem dando lugar para outra mais avançada. Famílias se desfazem. Relacionamentos duram pouco e há pouca tolerância aos desagradados e sofrimentos.

Se observarmos nosso mundo, hoje, correremos o risco de falar de uma sociedade que daqui a

alguns meses não existirá mais. Isto nos causa muita ansiedade não é mesmo? Esse é um dos motivos que fazem tanta gente também sucumbir ao poder dos remédios alopáticos antiestresse e antiansiedade.

Ligada a essa ideia de instabilidade também está a inconstante natureza do papel da educação que nos anos 60 tentava formar cidadãos levemente politizados. Em curto espaço de tempo passou a formar trabalhadores para as indústrias. Hoje, ela forma técnicos e programadores de internet e tudo o que se refere ao mundo virtual. Por mais que se tente, a educação não consegue acompanhar as transformações ocorridas na sociedade. Não é novidade que ela está, há mais de cem anos, atrasada em sua tarefa de educar.

Com tudo que está à disposição daqueles que possuem um simples computador, a escola ainda insiste em passar um conhecimento pelo qual os jovens não mais se interessam. Por quê?

Porque eles podem acessar esse conteúdo e muitos outros com apenas um click.

O Ensino básico de nove anos parece ser apenas um pretexto para manter nossas crianças e nossos jovens ocupados enquanto crescem.

Vivemos um momento de grande perigo por causa desse estilo de escola e educação. Poderemos vê-la implodir internamente se algo urgente não for redirecionado.

Lembramos que, pouco tempo atrás, era muito difícil passar no vestibular e fazer uma faculdade. Quanto mais valioso o retorno financeiro de determinado curso, mais difícil era para ser aprovado no vestibular.

Hoje, porém, vemos a invasão das faculdades virtuais e semipresenciais. Essas faculdades se abrem para aquelas pessoas que têm pouco conhecimento. E muitos destes cursos são de excelente qualidade e formam excelentes

profissionais.

Para nós, a educação tão necessária hoje é a educação das emoções e, algumas escolas no país e no mundo, já começaram a trabalhar com este tema por meio de projetos. Enquanto isso, grande parte das instituições continua insistindo em manter o giz e o quadro.

A educação em nossa atualidade parece não saber a que veio nem o que fazer para que seus alunos se sintam bem, realizados e encontrem um “lugar ao sol” nesta sociedade tão inconstante.

A escola culpa os professores pelo seu fracasso e exige que eles façam tudo. Que despertem a curiosidade do aluno, que o faça se interessar pelos conteúdos, que aprenda determinados conceitos e quase os obrigam a passar o estudante para o próximo nível de ensino.

Embora, teoricamente, o aluno seja o centro, na prática as ações educativas continuam sendo o

foco e, por causa disso, há confusão e improdutividade.

Paralelamente, temos uma provisão do estado de bem-estar social cada vez menor (garantia ou facilitação de habitação, educação superior gratuita e assistência médica). Os governos não se sentem mais na obrigação de auxiliar seus cidadãos na conquista de uma vida mais digna.

Não queremos dizer que o governo deve auxiliar nessas questões. Porque sabemos o que acontece psicologicamente com toda pessoa que é auxiliada repetidas vezes: geralmente perde a sua capacidade de produzir.

Em nossas análises, na ajuda da construção de identidades, percebemos que muita ajuda enfraquece o caráter, os braços e as ações. Se você ajuda uma pessoa o tempo todo, ela perde a confiança em si mesma e não adquire força para trabalhar e conquistar seus próprios bens. Se você nunca ajuda alguém corre o risco de

deixá-la fraca e cansada de tantas tentativas e fracassos. Por isso todo governo tem que ter o equilíbrio de oferecer condições de desenvolvimento para seus cidadãos e nunca dar-lhes tudo pronto nas mãos.

Temos nossas convicções sobre essa forma equilibrada e saudável na relação entre Estado e cidadãos. Mas o mundo ainda precisa percorrer um longo caminho para alcançá-las.

O que fazemos aqui, ao responder a pergunta “onde estamos?” é apenas analisar, de forma fria e consciente, em qual condição social, política e econômica estamos inseridos.

Com pesar, que percebemos que a grande maioria das pessoas ainda está imóvel ou só se movimenta quando as coisas ficam extremamente difíceis. Quando os problemas se acumulam e eles são empurrados para fora. Essas pessoas só começam a pensar diferente ou mesmo mudar de lugar, quando as

condições de sobrevivência chegam a níveis insuportáveis.

Mas não precisa ser assim. As coisas não precisam te empurrar para uma mudança. Você pode pensar, ler, analisar. E, ao saber o porquê de pensar e acreditar de determinada forma, poderá se reconstruir.

Observe ao seu redor, veja como muitas pessoas constroem suas identidades baseadas nas marcas (grifes) e bens de consumo que conseguem comprar. Numa insossa tentativa de se sentir alguém, elas roubam, vendem, trocam, fazem qualquer coisa só para poder adquirir aquele tênis de marca, aquela camiseta da moda. Para assim, mesmo que seja por alguns instantes, se sentirem bem.

Observe também como o cartão de crédito é usado como ferramenta muito importante neste processo de busca de identidade. As bandeiras deles estão sempre ligadas aos interesses do

indivíduo como times de futebol, instituições de caridade, lojas. São eles que agora facilitam o fluxo de pessoas pelo mundo e dão a cada uma delas formas de dizer quem elas são.

A sociedade, da maneira como está estabelecida, afeta você em sua formação, em seu modo de viver, sua maneira de ver a vida e cria suas crenças. Saiba que todas as suas atitudes atuais são tomadas baseadas em crenças antigas.

A sociedade oferece um ambiente físico e social que acaba lhe fazendo crer no tipo de vida “ideal” para você e sua mente impõe a maneira como desfrutar dela.

Ao analisarmos o tipo de pessoa gerada nesse “onde estamos”, percebemos que a sociedade atual roubou a principal fonte da verdadeira identidade: o outro.

Estamos tão voltados para nós mesmos que esquecemos que é num acordo com o outro,

numa relação construtiva ou mesmo conflituosa com ele, que podemos dizer quem realmente somos.

Quando alguém diz que nos ama podemos dizer: sou amado. É preciso alguém dizer que você é lindo para se sentir belo. São as palavras dos outros (pais, mães, professores, amigos) que nos dizem quem somos.

É quando alguém nos fala da importância que temos na vida dele, é que nos sentimos úteis, relevantes.

É quando fazem pequenos serviços que percebemos que somos dignos de ser servidos.

Quando o outro se dispõe a rir conosco e de nós, quando nos dão trabalho, quando nos afrontam com suas diferenças, que percebemos que somos singulares.

Procuramos nesse momento apenas estudar o micro e o macro mundo que dão impulso para

nos estabelecer de alguma maneira.

Parando para refletir alguns instantes e pensando quem somos nós, podemos falar que somos seres cujo cérebro trabalha para se adaptar ao ambiente e para fazer dele um lugar agradável e saudável para a continuidade da vida.

Em outras palavras todos nós temos e teremos a capacidade de ajustar ferramentas, ou emoções, ou trabalhos que nos façam sair de qualquer dificuldade apresentada pelo mundo natural ou mesmo pela própria sociedade.

Mesmo em meio a todo este cenário social instável e propenso a desenvolver doenças e neuroses, algumas pessoas já procuram saídas por meio da medicina, educação, política alternativas e da espiritualidade saudável ou de uma música que eleva.

E nós, aqui, queremos fortalecer isso fazendo você enxergar o quanto você, como ser

humano, tem disponível dentro de si mesmo as ferramentas para fazer novos arranjos. Encontrar saídas, sejam quais forem, para as instabilidades que possamos enfrentar.

Temos máquinas poderosas que nos mostrarão novos caminhos e novas adaptações: o cérebro e a mente.

É importante perceber que o cérebro é a parte física dessa maravilhosa máquina chamada você. E a mente é a parte virtual que o físico consegue manejar, organizar e fazer funcionar na construção de sua identidade.

Basta se lembrar por quantas situações difíceis você passou e conseguiu vencer, driblar, superar, se esquivar e prosseguir em busca de uma vida melhor.

E, por causa dessa sua habilidade, estamos aqui. Nós autores e você leitor. Pesquisando, questionando, buscando respostas. Sabe por quê? Porque certamente encontraremos meios

para as nossas grandes realizações.

Assim, é com essa atitude de confiança em nossa capacidade de superação que vamos continuar observando, analisando onde estamos e como esse lugar nos define como pessoas, influenciando nossas identidades.

No lugar daquelas forças formadoras de personalidade, mencionadas anteriormente (religiões, educação, família, tradições culturais), temos uma nova fonte de identidade: o consumo.

Se você quer dizer quem é, terá que me mostrar o que compra. Assim, o senso do eu, quase em sua totalidade, é a soma das escolhas de consumo. Você é aquilo que é capaz de comprar e consumir.

Sem aquelas fontes perenes da identidade como: o local de trabalho, o tipo de ocupação, a profissão; sem uma religião definidora, sem uma nacionalidade, sem uma etnia e um gênero

claros os indivíduos buscam auxílio nas mais diversas fontes para uma sôfrega construção de sua identidade.

Então, surge a busca por psicanalistas, terapeutas sexuais, especialistas holísticos, gurus da saúde e do destino no afã de encontrar uma orientação, uma estabilidade pessoal.

E é nessa busca à respeito de si que se encontram pontos firmes e estáveis. É na sua interioridade que todas as fontes de sua identidade inicial são questionadas. Que se encontra a transcendentalidade e evita-se a ansiedade e a loucura provocadas por tamanhas instabilidades.

Há que se tomar cuidado, porém, com os tipos de profissionais e gurus que estão por aí. Em alguns casos, esses autoquestionamentos têm servido apenas para confundir ainda mais as pessoas.

A menos que seja conduzida por uma reflexão séria e ordenada, pode-se perder mais algum tempo tentando sair dessa areia movediça social que te devora. Quanto mais esforço, mais se afunda.

Se você ficar pensando muito em si mesmo, em sua condição ou falta dela, se tiver pensamento negativo, o abismo que se abrirá não terá fim.

A reflexão interiorizada que planejamos aqui é uma busca não apenas desse seu eu formado dentro de ambientes limitados, inseguros, instáveis, mas é aquela que faz você chegar à essência de sua capacidade de se fazer alguém. Mudando para pensamentos positivos, mudando seus ambientes e escolhas de relacionamentos.

Você pode ser quem decidir ser!

Será que podemos encontrar um caminho saudável e firme em meio a tantas instabilidades? Será que podemos encontrar um

lugar onde possamos nos construir como pessoas felizes e nos manter em constante desenvolvimento? Claro que sim.

Estamos mostrando neste capítulo que o mundo que nos rodeia vai muito além de sua casa, seu lar, seu bairro, cidade, estado ou país. A internet nos ajuda a ver muito mais além também.

E é aqui e agora, nessa sociedade em constante transformação e no mundo virtual que amplia ainda mais essa realidade que convergem todas as nossas perguntas. É no presente que precisamos fazer convergir todas as nossas indagações: quem sou, de onde vim, onde estou e para onde vou?.

Por isso escrevemos este livro. Como se nossas palavras fossem pequenos pedaços de pão, numa tentativa de marcar o caminho de volta para a casa de João e Maria. Um lugar seguro e preparado para termos um crescimento

saudável e autossustentável.

A busca e o encontro de seu verdadeiro eu, aquele que lhe capacita a ser quem quiser ser, vai tirar todo o medo, toda a insegurança. Você não vai tremer diante de situações que nunca enfrentara antes.

Quando você decide assumir a responsabilidade pela construção e formação da pessoa que deseja ser, não ficará pensando, nem duvidando sobre quem você é e qual o seu papel neste mundo.

O mundo pode estar abalado, as coisas podem estar sem forma e vazias. As soluções podem não aparecer. Mas você é a solução!

Ao responder as questões que propusemos, você estará apto para andar sobre as águas sociais, sobre esse terreno inconstante que se tornou a sociedade do século XXI. Não somente andar, mas construir algo maravilhoso, encontrar soluções e produzir bens

inacreditáveis.

É visível como o poder do inconsciente coletivo é capaz de nos influenciar. Por isso precisamos tomar consciência de como o nosso ambiente e as constantes escolhas feitas no passado afetaram nossa identidade, nossas ações e a realidade que vivemos hoje.

Assim que nos livrarmos desse passado, que é uma roupa que não nos serve mais, teremos a capacidade de mantermo-nos móveis, adaptáveis a novas circunstâncias. E, apesar de nos mover para nos adaptar ao mundo exterior, seremos estáveis internamente. Ficaremos firmes como um rochedo e então seremos nós que influenciaremos o inconsciente coletivo.

Quando encararmos a nossa realidade, o mundo onde estamos e olharmos para dentro de nós mesmos; quando sondarmos o nosso passado e conseguirmos ver o tipo de pessoa que nos tornamos para poder sobreviver, então,

estaremos prontos para a próxima etapa.

Aprendemos a agir e reagir nas primeiras experiências da infância. Hoje, quando vamos utilizar essas informações, muitas vezes elas causam ou aumentam ainda mais nossos problemas.

Você pode estar fazendo com que as coisas se repitam indefinidamente em sua vida ao utilizar informações que foram úteis no passado.

Então, observe com atenção onde você está. É a mesma casa? A pintura continua a mesma há mais de cinco anos? Tem os mesmos móveis? As mesmas pessoas, no mesmo bairro e fazendo as mesmas coisas?

Observe se continua sendo a mesma pessoa, tendo as mesmas reações, o mesmo estilo de vida, o mesmo emprego, enfim, tudo igual.

Sabemos que exatamente agora, no presente, ainda podemos ser uma pessoa que encontra

outras saídas e outras formas de viver. Nossas ferramentas de adaptação funcionaram bem no passado. Chegamos até aqui. Então podemos refazer tudo agora!

Querendo ou não, temos que ser, temos que saber quem somos em meio a tantas posses, obrigações e afazeres. Se você souber quem é, da maneira como ensinamos aqui, a busca de riquezas e da satisfação pessoal ficará muito mais fácil.

Saber ser uma eterna mutação e não querer estabilizar aquilo que nunca foi estável – a vida – te capacitará a usufruir dos benefícios dessa sociedade fluida.

A incerteza social, política e econômica apenas nos abre os olhos para aquilo que sempre foi o palco da existência humana: a efemeridade, o tempo que passa constante diante de nossos olhos e não tomamos consciência.

Quando seus olhos se abrirem ao encontrar

essas instabilidades externas, você verá em seu interior a maleabilidade necessária para ser uma metamorfose contínua. Se adaptando, se reinventando, se tornando cada vez mais diferente. Bastará abrir mão das velhas “ferramentas” e adquirir outras novas, atualizadas, que não apenas te farão sobreviver, mas te trarão sucesso.

Adquirimos novas ferramentas quando não fugimos dos problemas, nem das pessoas, nem dos desafios. Descobrimos, por meio desse enfrentamento, uma versão sempre melhor de nós mesmos! Esse é o caminho!

Somos pessoas políticas por natureza, precisamos trabalhar para que todo ser humano seja capaz de flutuar mundo afora.

As pessoas precisam andar mais, conhecer novas pessoas, visitar outros bairros, outras cidades, conhecer outros estados e culturas. Ir sempre além de seu próprio ambiente.

É necessário que todos possam viajar para outros países, ver culturas humanas diferentes. Assim, a mente se amplia e nos possibilita ser melhores do que éramos antes das viagens.

Não somente visitar ou conhecer (seja viajando ou mesmo navegando virtualmente pela internet), mas, em alguns casos, é necessário ir embora mesmo, mudar-se para lugares estranhos onde as condições econômicas são mais favoráveis e os padrões de vida mais altos.

Infelizmente, apenas uma pequena parcela da população mundial está livre, afinada com a realidade e pronta para se movimentar de acordo com as mudanças de seu ambiente. Ela está sempre refazendo sua identidade, adquirindo novos conceitos, novas crenças e se tornando madura.

Queremos formar pessoas que se refazem num ambiente mental analítico. Que se questionam e, ao buscarem respostas, se tornam

caminhantes e camaleões.

Aquele que caminha, que se deixa mudar e ser diferente, pensar diferente, sentir diferente se torna o começo de uma nova humanidade. Se transformam em humanos que possuem a riqueza e o status ocupacional necessário para desfrutar dos aspectos mais positivos da sociedade.

Queremos fazer um chamado às pessoas que ainda nem sequer conseguiram saber quem são, por que são e qual o seu destino a construírem uma vida plena e sistemicamente sustentável.

A saúde perfeita é saber que estamos num mundo onde não existe ninguém especial por ser melhor ou pior que outro, mas sim que é especial porque é singular.

Em meio a tantas possibilidades, se vencermos a ansiedade de querer copiar alguém ou mesmo ser como todos os outros, seremos capazes de

descobrir como caminhar no processo que Jung já definiu como o Processo de Individuação.

Não há melhor lugar no mundo para se estar que este. Um lugar inseguro, um lugar móvel, inconstante, sem certezas, que nos obrigue a buscar a essência que não muda. Que é eterna. Agora estamos prontos para responder nossa última pergunta.

## **Parte IV – Para onde vou?**

Uma das coisas mais magníficas deste capítulo é saber que, quando fazemos essa pergunta, a resposta já tem o plural implícito.

Atualmente, temos em nosso planeta, de acordo com dados da ONU (Organização das Nações Unidas), 7,3 bilhões de habitantes e projeções indicam que seremos 8 bilhões daqui a dez anos. Quando decidimos responder às perguntas deste livro, e sinceramente, começamos a nos redescobrir e a contactar a essência de nosso ser, percebemos que somos mutantes e caminhantes.

Assim, teremos muitos encontros e despedidas. Nosso coração dilata e somos capazes de transcender o amor egoísta que insiste em permanecer nas relações, inclusive com os familiares e descobrimos a grande família humana.

Descobrimos que, essencialmente, somos amor fluente, somos vida em movimento,

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

somos luz que precisa se espalhar e sal deste mundo que precisa se envolver. Tudo o que tocarmos e todo chão que pisarmos terá sabor de vida, de aventura e será nosso por direito de existência.

O lugar para onde vamos nunca será monótono, chato ou sem graça (seja onde for). Sempre teremos algo novo para aprender, alguém para conhecer e amar.

Descobrir que o amor interior pode e precisa ser direcionado para o maior número de pessoas é fantástico! Quem se redescobre adquire uma perspectiva de vida que transcende lugares, laços familiares e sanguíneos. Transcende a pátria e se torna cidadão do mundo.

Para onde vamos? Para onde nasce o sol! O sol da vida, o sol das surpresas, o sol do imprevisto, do inimaginável, o sol da coragem e da disposição. O sol da força que ilumina o coração e não deixa recuar os passos dados com ousadia.

Experimentar o rasgar de nossa história interior nos faz ver a essência. Por isso, afirmamos no decorrer dessas páginas a

necessidade de se responder e refletir profundamente sobre nossas verdades fundamentais.

O diálogo do “eu” atual com todas as nossas decisões do passado, com as dificuldades e superações de nossa história liberta em nós a essência do que somos: criadores e co-criadores do que desejamos para nós mesmos. Então, um fenômeno incrível acontece! Aqueles que também desejam abundância, alegria, bem-estar, riquezas, carinho, sorrisos, saúde, paz e equilíbrio sentirão a emanção dessas verdades em suas vidas e se aproximarão de nós.

Assim são os encontros que temos neste mundo. Nada é por acaso. Só se aproximam de nós aqueles que precisam de nós para crescerem, ou aqueles que nós precisamos deles para crescer.

Sim, o caminho que passamos a percorrer nos livra do medo do imprevisível, do desconhecido. Porque nossa história fala de encontros com o imprevisível e, mesmo com medo, vencemos.

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

O desconhecido passou a ser conhecido e nos tornamos mais fortes. É assim que dialogamos com nossa própria trajetória.

Quando perguntamos a nós mesmos: quem sou? A resposta deve ser: sou vida se fazendo gente a cada experimentação de nossa existência! Sou emoções puras de alegria, de raiva, de esperança, de fé e espanto que construíram diversos sentimentos. Muitos deles úteis, alguns inúteis e descartáveis. Por isso, é bom tentar jogar fora tudo o que é velho para se transformar sempre em uma nova pessoa alegre, realizadora, empreendedora, construtora de uma vida super abundante.

De onde vim? De uma energia vital que construiu meu corpo, de uma família que me deu as bases para me construir. De um bairro, uma cidade. De pessoas que copiei ao longo da vida. E, hoje, depois deste encontro, me sinto tocado com as palavras aqui lidas e quebrei a dureza do meu ser. Estou mais maleável e, sendo assim, poderei me ajustar e adaptar com sucesso em qualquer lugar ou pessoa que queira compartilhar minha existência. Por

isso, agora menos rígido, e sabendo o que quero, vou avançar para lugares mais prazerosos.

Não andarei mais só. Não dependerei de relacionamentos fixos que tanto me empobrecem ou me dificultam o crescimento. Porque sei que sou capaz de amar do jeito que amei meus pais, meus irmãos, meus primeiros amores. Sim, sou capaz de amar de novo, como criança. Com essa força vou caminhar ao lado, junto aos que querem usufruir o melhor da vida e deste mundo. Aqueles que se encontrarem comigo serão bem-vindos e caminharemos contribuindo ao máximo para o crescimento uns dos outros para, então, partir para novas conquistas.

São infinitas as possibilidades de encontrar pessoas para compartilhar e espalhar a energia da vida, do desenvolvimento, do crescimento e do enriquecimento em todas as dimensões do humano.

Para onde vamos, inveja e despeito são palavras que sumiram do dicionário. Mas, acima de tudo, nesse “lugar” que pretendemos alcançar, a palavra **poder** só

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

se refere a nossa capacidade de superação, de suportar privações momentâneas. Poderemos ter muitos bens materiais, muitas relações afetivas em diversos graus, sem nos corromper ou querer dominar as vontades dos outros. Para onde vamos, só teremos o poder completo de dominar a nós mesmos.

Queremos, então, falar do desejo pelo poder. Porque para onde vamos existirá uma política que envolve todos os seguimentos das relações que têm como base o servir e não o poder. Algumas pessoas ignoram, são inconscientes em relação ao significado da palavra política.

Explicando melhor, a essência da palavra “política” é a maneira como as pessoas se organizam para executar uma tarefa. A forma de convivência mais produtiva que gere o bem-estar comum é o objetivo.

Então, dentro de casa, a família está vivendo um tipo de política. Na maioria dos casos, as pessoas não sabem qual é a sua. Como o pai ou a mãe governam os direitos e deveres dos membros daquele lar?

Quando existe briga entre os irmãos, quem faz a justiça? A mãe ou o pai? Como se soluciona o conflito entre marido e mulher? Quem cede? Quem domina a situação? Existe diálogo e, no final, as razões são medidas e divididas?

No almoço, quem fica com o melhor pedaço de carne? Por quê? Como as tarefas da casa são distribuídas? Quem é responsável pelas refeições? Quem é designado para lavar, passar e fazer a faxina? Quem paga as despesas? Quem gasta o dinheiro na compra de roupas? Todas essas decisões são tomadas por quem? Isso tudo é política.

Todas as questões de funcionamento da casa, da família, lugar e posição (o filho mais inteligente, o mais tranquilo, o mais afetivo, o mais “bravo”) são questões de poder. E, começando pelo lar, percebemos a luta por ele na busca de privilégios, mais direitos e menos deveres.

Enquanto a base política do lar, das prefeituras, das igrejas e das escolas for seguir esse modelo, não poderemos ir para um lugar de paz, de alegria. A tentativa de alcançar esse poder

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

contamina e dá lugar a intrigas, desavenças, tristezas e desarmonia.

Por isso, quando verdadeiramente nos questionamos sobre quem somos e de onde viemos, saberemos que, para onde vamos, a autoridade é para servir e não para dominar e adquirir privilégios.

Dentro de casa, é preciso que todos comecem a perceber que o lar precisa da cooperação. Que os pais trazem dinheiro para as despesas somente enquanto os filhos ainda não conseguem produzir algo que traga rendimentos em forma de capital.

Enquanto isso não ocorre, é função dos pais fazerem com que seus filhos percebam que precisam cooperar de outra forma, como na limpeza da casa, no passar das roupas, no lavar do terreiro. Enfim, precisam cooperar de alguma maneira com a vida da casa.

A responsabilidade começa em casa. Cada um precisa saber da própria importância para que o lar se mantenha e para que ninguém se sobrecarregue.

Não se pode ir a lugar algum se apenas

uma pessoa puxa o carro enquanto outros apenas se assentam ou tentam puxá-lo para outra direção.

Há muitos filhos que acreditam que só têm direitos. Existem pais que permitem que estes filhos continuem em casa pensando dessa forma. Uma aparente sensação de que eles não têm obrigação de manter a organização e a sustentação do lar.

Algumas décadas atrás, a política em casa era feita da seguinte maneira: o pai trabalhava fora e trazia o sustento. Tudo de melhor era para ele. Tinha autoridade e, logo que chegava, os filhos corriam pra tirar-lhe os sapatos e substituí-los por chinelos. O canal da televisão era o patriarca quem determinava e os outros tinham que assistir ao que ele queria.

Nessa política, a mãe era a responsável por manter a ordem nos relacionamento dentro de casa. Então, ela fazia e defendia a hierarquia de poder. O pai era o líder maior e cheio de privilégios (não se falava de suas obrigações e seus sacrifícios). A mãe, na ausência do pai, era quem comandava e concedia certos privilégios aos filhos mais velhos que ajudavam de

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

alguma maneira. Depois, o poder ia passando para os mais novos.

Em alguns casos, o poder se restringia somente ao pai e todos os outros membros da família obedeciam. Muitas vezes, eram maltratados com violência. Não tinham direitos, apenas a obrigação de trabalhar da madrugada até o entardecer. Como rebeldia à essa condição familiar, a frase preferida dos filhos que, até hoje é pronunciada longe dos pais, era: “eu não pedi para nascer!”

A geração que viveu neste tipo de lar decidiu, de maneira equivocada, a não deixar que esse tipo de relacionamento se repetisse quando se tornasse pai ou mãe. A frase “meus filhos não passarão pelo que passei” era muito comum.

Fizeram uma política inversa. E foi tão forte sua influencia que até toda a sociedade aderiu a este tipo de política e foi para um outro extremo. Filhos têm todo o direito. Ao enfatizar o direito das crianças e dos adolescentes, as obrigações ficaram esquecidas e hoje temos um mundo infantilizado.

Temos pais que sustentam filhos com mais de quarenta anos dentro de casa. Alguns desses filhos são totalmente improdutivos.

Mas, para onde vamos será assim? Claro que não! Lá, a educação segue cautelosamente a estrada do enriquecimento e da qualidade de vida.

Desde cedo, todos sabemos que “ninguém pede para nascer”. Nem os pais, nem os avós, nem os filhos. A vida é uma dádiva. E só precisamos aprender como fazê-la se desenvolver pra encontrar a harmonia.

Para onde vamos, o servir é o ponto forte e ensinado todo o tempo. Todos vieram para dar algo ao outro. Os filhos que recebem dos pais, gratuitamente, os alimentos, a vestimenta e presentes, são incentivados por esses mesmos pais a dar algo em troca, para que se sintam capazes de sustentar sua própria existência.

Na sociedade de onde viemos todos esperam o final de semana para ter diversão, relacionamentos agradáveis e produtivos. Porém para onde vamos todo trabalho é divertido.

Realizar uma tarefa e auxiliar os outros a

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

atingirem suas metas de forma prazerosa e divertida é o ideal. Produzir é ser útil.

Para onde vamos, a família volta a ser uma família e todos têm a liberdade de fazer o que quiserem, sobretudo vivenciar os resultados de suas ações (direitos e deveres como os antigos aprenderam em Moral e Cívica). É regra pra todos: quem planta terá que colher e ninguém pode prorrogar a colheita.

Esses filhos, quando saírem de casa com essa visão de poder e responsabilidade, habitarão as escolas como professores, diretores e coordenadores que não verão o poder como um privilégio para ser ostentado. Mas como aqueles que, igualmente à Távola Redonda do rei Arthur, dividem as responsabilidades das tarefas de educar da melhor maneira possível.

Para onde vamos, as escolas formarão cidadãos que sabem a relação da inteligência, da produtividade, das realizações com o capital. Quem trabalha e produz bem, seja o que for (lazer, alimento, diversão, bens materiais, oportunidades, relacionamentos, festas ou

governos), serão dignos de maiores salários.

Para onde vamos, a diversidade consegue conviver com a unidade e ninguém permitirá discrepâncias exacerbadas nas relações. Ninguém permitirá também a injustiça da igualdade quando a capacidade produtiva e criativa é desigual. Assim, toda pessoa terá o direito de sempre ter um maior capital desde que produza melhor. E isso deverá ser uma escolha pessoal.

Vamos para um lugar aonde compreendemos o fundamento de nosso mundo: trocas.

Se você observar todo o mundo físico, vai ver que ele funciona nessa perspectiva. O oxigênio que respiramos é dado pelos vegetais. Assim que inspiramos o oxigênio, em troca, nós eliminamos o gás carbônico que eles utilizam para que o sistema de trocas continue.

As águas das montanhas descem pelos rios irrigando a terra e deságuam no mar. Lá, elas são elevadas ao céu pela evaporação e depois retornam para as

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

montanhas em forma de chuva, num ciclo contínuo. E dessa forma a vida prospera quase milagrosamente.

Assim, no lugar para onde vamos, todos compreendem que temos que oferecer algo uns para os outros. Quanto mais nos doarmos, mais coisas voltarão para nós.

A percepção do mundo como lugar de troca elimina a competição social e estabelece a cooperação como base para as relações.

Por outro lado, a competição consigo mesmo, no afã de continuarmos crescendo, nos fará cada dia melhores e mais aptos para oferecermos algo para os outros com melhor qualidade. Esse é o desafio. A competição só existirá em nível individual, na busca constante de uma melhor versão de nós mesmos.

Para onde vamos, os políticos governarão para o povo e pelo povo e seu principal ideal será dar a cada cidadão a capacidade de entender seu papel, assim como acontece dentro de cada lar. Todos terão privilégios numa relação matemática de produção, serviços, criatividade e

capital. Para isso, a educação plena precisa ser a tônica maior da capacidade de governar.

Ao longo de nossa jornada pelas principais estruturas sociais que fundamentam a sociedade descobrimos na família, na escola, nas instâncias governamentais e nas religiões que as lideranças, sejam boas ou ruins, estão contaminadas com o orgulho.

Elas governam e trabalham para os seus liderados até o momento em que eles começam a demonstrar alguma qualidade superior. Quando eles atingem certo nível, não são considerados mais como liderados.

Por outro lado, os liderados, quando percebem alguma fragilidade em suas lideranças, não aceitam mais aquela hierarquia. E isso faz com que toda a sociedade fique estagnada. Porque a única razão para que exista liderança é para que todos os homens cresçam e amadureçam pelo seu trabalho.

Acontece o fenômeno da eterna infantilização e o mundo não sai do lugar.

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

Até o momento, nós não encontramos nenhum líder que queira que seus liderados sejam realmente melhores do que ele. Da mesma maneira, não encontramos liderados melhores que seus líderes e que aceitem ser conduzidos.

São tantos os problemas advindos desse orgulho e da ignorância humana que não podemos avaliar o seu alcance. Mas, o resultado sempre é o mesmo: improdutividade e infantilidade contínuas.

E o mais maravilhoso de se passar pelo processo de redescoberta e pelos questionamentos aqui realizados é que quem se descobre começa a caminhar para outro lugar.

Para onde vamos? Vamos para um lugar onde o rei Arthur é um arquétipo e sua forma de liderança traz de volta a Távola Redonda. Onde líderes trabalham para o crescimento de seus liderados e esses colaboram para crescimento do todo.

Para onde vamos, não se ocupa um cargo de liderança por ser ou deixar de ser especial, mas sim por ser talentoso e ter habilidades funcionalidades específicas.

Ainda que um líder tenha fragilidades, seus liderados reconhecem a sua capacidade organizacional/estratégica e se sujeitam a ele, mesmo sendo melhores em alguns aspectos. Fazem isso porque reconhecem a capacidade de liderar.

Neste lugar que pretendemos alcançar, quando líderes percebem qualidades e talentos especiais nos liderados, os aproximam para melhorá-los sem se sentir ameaçados. Porque têm a consciência de que a liderança não está ameaçada quando ajudam as pessoas a progredir. Sabem da importância de todos chegarem ao conhecimento da verdadeira organização.

Para onde vamos? Vamos para relacionamentos a dois, livres, saudáveis e sem ciúmes. Vamos para o enfrentamento da solidão, porque sabemos que logo depois nos serão acrescentados um milhão de amigos. Amigos verdadeiros com os quais podemos compartilhar todas as nossas verdades.

Vamos para o caminho de um corpo saudável, onde nossa alimentação será escolhida dia após dia de forma correta,

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

de acordo com o nosso biotipo, seguindo orientações de nutricionistas, naturopatas, etc.

Vamos para as academias, para as caminhadas, bicicletas, piscinas, vários tipos de exercícios físicos porque teremos a consciência de que tudo na Terra precisa se movimentar, principalmente o corpo humano.

Vamos viajar para vários pontos do nosso estado, do país e do mundo. Porque queremos ampliar a nossa mente e conhecer coisas novas que acrescentam positivamente à nossa personalidade.

Vamos para as grandes culinárias, para os navios, para as ilhas, para as mais lindas praias, para os resorts.

Vamos para uma liberdade financeira que nos proporciona condições de cuidar de nossos dentes, nossa pele, de nosso cabelo, das nossas roupas e de nossos projetos pessoais que dependem de capital.

Vamos para a liberdade emocional, onde a angústia do passado se transforma em leveza onde a culpa é desfeita, onde o

sentimento de superioridade ou inferioridade não existirá mais. Vamos para o bem-estar completo.

Porém, não fique ansioso, leitor. Vá mudando suas energias aos poucos, se purificando de coisas velhas como pensamentos, sentimentos, roupas, calçados, papéis, pessoas, lugares, trabalho, emprego. Abandone sua personalidade envelhecida e inútil e “deixe vir o novo” (Professor Ivan Trilha).

A construção do mundo para onde vamos começa com cada um de nós. Prontos para responder às perguntas feitas aqui neste livro. Quem sou? Sou servo, quero ser útil e servir às pessoas ao meu redor para que elas alcancem o seu maior potencial e encontrem o prazer e a alegria de se relacionarem comigo.

De onde vim? Vim de um estado de gratidão e perdão pelos meus pais ( mesmo que não os tenha conhecido) e por todos aqueles que fizeram parte de minha caminhada. De um lugar que me formou, deformou e, hoje, me reformo.

Onde estou? Estou em um lugar onde

*De Onde vim? Onde Estou? Para onde vou?*

capacito-me, baseado nas pegadas que este livro deixou em meu ser, em ser alguém que caminha para outra direção. A do bem-estar, a do bem viver, a da boa relação, da construção e do sucesso como ser humano.

Para onde vou? Para uma vida plena onde sou responsável por mim e pela realidade que construo ao meu redor! Vou cada vez mais me aproximando de um mundo onde o construtor principal sou eu e o meu principal motor é a própria vida!